

PROJETO CINE AXÉ: O CINEMA E OS SABERES.

Resumo

No Brasil, país pluricultural, onde temos a presença do indígena, europeu, africano e asiático – no mínimo somos um povo híbrido cultural (HALL). Arelado a este fato, é, também, um país onde a maioria dos homicídios/feminicídios são de pessoas negras, onde o acesso à educação, saúde, segurança, moradia, lazer e trabalho são precários e o racismo institucional é presente. Assim, na ótica educativa, fazem-se necessários projetos que evidenciem, discutam e reflitam as narrativas afro-indígenas no cotidiano. O cinema já provou durante toda sua história o poder de refletir e transformar realidades e mentes. É uma linguagem tão poderosa e contemporânea que cria possibilidade de ser utilizada como ferramenta pedagógica para transformações sociais. Utilizando-se desse poder, o Projeto de Cineclubes - Cine Axé entra em vigência nas escolas e instituições públicas da cidade de Maceió/AL para atender e discutir as necessidades das temáticas associadas aos povos afro-indígenas. Em seu desenvolvimento, foi associado à Universidade Federal de Alagoas, enquanto projeto de extensão. Portanto, consegue trazer reflexões sociais importantes dentro de um país tão racista e preconceituoso, deixando claro o quão importante é a luta por direitos e mudanças, além de proporcionar ludicidade para crianças, jovens, adultos e idosos que vivem em constante batalha social e econômica dentro de suas comunidades. Utilizando dessa vivência dentro do Projeto Cine Axé constituímos nesta pesquisa depoimentos e visões de observadores e mediadores de cada sessão ocorrida.

Palavras-chave: Educação; Cinema; Racismo.

Abstract:

In Brazil, a pluricultural country, where we have the presence of indigenous, European, African and Asian - at least we are a hybrid cultural people (HALL). Coupled with this fact, it is a country where most homicides / femicides are black people, where access to education, health, safety, housing, leisure and work are precarious and institutional racism is present. Thus, from the educational point of view, projects are needed to highlight, discuss and reflect Afro-indigenous narratives in daily life. Cinema has proven throughout its history the power to reflect and transform realities and minds. It is such a powerful and contemporary language that it creates the possibility of being used as a pedagogical tool for social transformations. Using this power, the Cineclub Project - Cine Axé comes into force in schools and public institutions in the city of Maceió / AL to meet and discuss the needs of issues associated with Afro-indigenous peoples. In its development, it was associated with the Federal University of Alagoas, as an extension project. Therefore, it can bring important social reflections within such a racist and prejudiced country, making clear how important the struggle for rights and change is, as well as providing playfulness to children, youth, adults and the elderly who live in constant social and economic battle within their communities. Using this experience within the Cine Axé Project, we constituted in this research testimonies and visions of observers and mediators of each session that took place.

David William Gomes dos Santos (Autor)
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS

Juliana da Silva Alves de Sena (Autor)
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS

Submetido em SET/2020.
Aceito em OUT/2021.
Revisado em OUT/2022.
Publicado em NOV/2022.

INTRODUÇÃO

A Casa de Iemanjá, através de seu sacerdote Babá Omitology, conhecido como Pai Célio de Iemanjá, juntamente com seu Núcleo de Cultura Afro-brasileira Iyá Ogun-Té coordenado pelo Ogan e Prof. Esp. Amaurício de Jesus, preocupados com a vulnerabilidade do povo negro e indígena dentre os povos tradicionais de terreiros, criaram várias ações culturais atendendo aos anseios da comunidade do entorno da Casa de Iemanjá. Assim, são criados vários equipamentos culturais, a começar pelo primeiro grupo de afoxé de Alagoas denominado Afoxé Odô Iyá; seguido da Capoeira Odô Iyá; do Jornal OdôIyá; da Biblioteca Maria Garanhuns, do Telecentro Odô Iyá; e também do Projeto Cine Axé. Vale lembrar, que a expressão, Odô Iyá é uma saudação a Iemanjá, que significa Mãe das Águas. Assim sendo, a Casa de Iemanjá vem ao longo dos anos construindo em Alagoas uma pedagogia afetiva, cultural e artística com os povos de terreiros.

Portanto, o Projeto Cine Axé começa exibindo filmes de temáticas afro-brasileiras e indígenas nas casas de axé e também nas escolas da cidade de Maceió. Onde juntamente com Pai Célio, Prof. Amaurício de Jesus e a juventude da Casa de Iemanjá, visitavam os espaços exibindo os filmes de narrativas afro-brasileiras e indígenas.

Quando foi escrito tinha como meta promover sessões de cinema em escolas públicas da cidade de Maceió com uma proposta pedagógica de formação e reflexão acerca do racismo, do preconceito e da discriminação racial.

A escola tem um papel fundamental nessa desmistificação de preconceitos enraizados em cada indivíduo social.

As instituições educacionais receberam o Projeto Cine Axé, através de carta-convite e contatos via internet por meio de WhatsApp, Facebook e E-mail.

As seguintes instituições que receberam o Projeto Cine Axé: Escola Estadual Prof. Theonilo Gama, no bairro do Jacintinho, quando o projeto ainda não estava associado à extensão da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Após o projeto ser associado a Pró-Reitoria de Extensão da UFAL, temos a Escola Estadual Tavares Bastos, a Escola Estadual Prof. José da Silva Camerino, a Escola Estadual Prof. Afrânio Lages e a Escola Municipal Dr. José Carneiro no bairro do Farol; a Escola Anísio Teixeira, no bairro do Trapiche da Barra; a Escola Municipal Silvestre Péricles, no bairro Pontal da Barra; o Centro de Referência da Assistência Social – CRAS Lagunar, no bairro Levada; no Encontro de Saúde e Educação da Universidade estadual de Alagoas – Uncisal; na 8ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, da UFAL; no Festival de Cinema de Penedo; e também no Projeto ronda no bairro, da Polícia Militar de Alagoas, situado na

Casa dos Direitos no bairro do Jacintinho. Todas elas tiveram uma boa receptividade e uma participação significativa dos estudantes nos debates desenvolvidos após as exibições do curta em rodas de diálogos.

Destarte, organizamos esta pesquisa em três eixos nominados com palavras que lembram etapas ligadas ao processo cinematográfico acrescentando o foco temático. Em vista disso, temos: ROTEIRO – LUZ: HISTORICIDADE, entendo como Roteiro a forma escrita de qualquer espetáculo audiovisual ou um filme escrito em palavras. Seguindo, por GRAVANDO: CÂMERA – PROJETO CINE AXÉ, isto posto, gravando simboliza a filmagem direta do filme, desta maneira, inclui neste espaço toda estrutura do projeto e sua execução e no eixo – EXIBIÇÃO: AÇÃO – PROJEÇÃO, sendo esse o momento coletivo de ver, perceber e dialogar sobre a obra. Por isso, neste espaço temos narrativa sobre o filme O Xadrez das Cores, diálogos sobre educação, cinema e discriminação.

Como base teórica e conceitual para sustentar o discurso e as ações temos os seguintes autores: ACIOLI FILHO (2011 e 2017); ARAÚJO, (2007); FERRAZ e CABRAL, (2013); HALL, (2006); MACEDO, (2010); e RODRIGUES, Célio (Pai Célio de Ogun-Té) (2007).

Entendemos que projetos com esse intuito são importantes no meio escolar e que, ao utilizarmos o cinema como ferramenta, podemos ajudar a construir uma nova pedagogia de ensino e aprendizagem e uma nova forma de discutir temas tão atuais e necessários no ambiente escolar.

DESENVOLVIMENTO

ROTEIRO – LUZ: HISTORICIDADE

O projeto é uma criação inicial da Casa de Yemanjá, tendo como proposta a discussão do racismo, preconceito e discriminação racial dentro das comunidades de axé e escolas públicas, já que a atuação da Casa é dentro de uma região periférica no, miolo central do bairro de Ponta da Terra, onde no seu entorno localizam-se cinco escolas públicas. A equipe do Projeto Cine Axé tinha em sua composição os bolsistas Alex Sandro Azevedo e David William Gomes dos Santos, o colaborador Thiago Henrique da Silva Melo e a estagiária Juliana da Silva Alves de Sena, que são pesquisadores deste trabalho.

O Prof. Dr. José Acioli Filho sendo um membro da Casa de Iemanjá, suspenso com Ogan, conheceu a iniciativa e propôs inscrever o Projeto Cine Axé, enquanto um projeto de extensão na Universidade Federal de Alagoas, via Proex/NEAB atendendo ao edital 04/2016 do Programa

Zumbi e Maninha Xucurus-kariri. Assim, vivenciando-o dentro das escolas e tendo como base sua tese de doutorado, que fala sobre a lei 11.645 e os preconceitos vivenciados por crianças, adolescentes e adultos na escola pública de ensino básico, intitulada: “A Lei nº. 11.645/2008 e seus reflexos na educação étnico-racial: uma proposta dialógica através do teatro de Animação” (Universidade Autônoma de Assunção - UAA, 2017).

As falas dos colaboradores do Projeto

“Quando entrei no Cine Axé, pensava que era apenas mais um projeto de extensão em que faria para cumprimento de horas flexíveis no que dizia respeito à grade exigente do meu curso. Durante o trajeto, fui percebendo o quanto o projeto foi enriquecedor para minha vida profissional-pedagógica e mesmo enquanto ser humano. Hoje, depois de ter participado, penso que é triste necessitar existir um projeto como esse para ser debatido em escolas, quando conceitos básicos da sociedade como o respeito ao próximo/próxima e a exaltação ao relativismo cultural parecem estar tão longe do meio social/educativo. Mas, como a "lacuna" existe, não me vejo mais longe deste projeto e acredito que ele, aliada a educação, são ferramentas capazes de fazer estudantes refletirem e, possivelmente, erradicar qualquer tipo de preconceito/discriminação. ”

David William Gomes dos Santos - Bolsista

Conheci o Cine Axé quando estava procurando estágio obrigatório, já tinha tido contato direto na produção de cinema e me encantei com o projeto, quando iniciei o acompanhamento não imaginei o quanto isso iria me modificar, no processo encontrei amigos, percebi como as coisas podem ser boas quando são feitas com amor, e também como a arte é fundamental na sociedade. Eu enquanto mulher negra adentrei um mundo cheio de histórias que conversavam com a minha, pude também levar minhas vivências e ser referência para muitos dos participantes. Encontrei no cinema uma forma de levar ensinamento aos meus futuros alunos. Senti falta de filmes que conversassem de maneira didática com crianças e adolescentes, mas, com o que estive ao nosso alcance, transformamos pensamentos. Quando finalizei o estágio continuei no projeto, pois encontrei nele a força que eu precisava para batalhar dentro das instituições que propagam preconceitos. Fiz meu TCC baseado na minha experiência durante todo o ano que fiquei no projeto. Transformei em ciência todas as vivências que vivi.

GRAVANDO: CÂMERA – PROJETO CINE AXÉ

O Projeto Cine Axé tem como proposta levar a exibição de filmes curta metragens para escolas públicas da cidade de Maceió no estado de Alagoas, que fomentem a discussão do racismo, do preconceito e da discriminação racial na escola, na família e na sociedade, incentivando o pensamento crítico, promovendo o respeito à ancestralidade dos jovens negros que participam das sessões.

Sendo assim, o Projeto Cine Axé propôs, através da sétima arte, levar filmes inicialmente para dez escolas de Maceió, com as temáticas: Afrodescendente, indígena e quilombola, possibilitando aos estudantes o acesso à cinematografia, incentivando a formação crítica, apreciativa, sociocultural e política no âmbito escolar. Trabalhando de forma interdisciplinar com os professores de arte (Teatro, Dança, Música e Artes Visuais), literatura, história, filosofia, sociologia e outros.

Os Objetivos do Projeto Cine Axé

Desta maneira, foi estabelecido o seguinte objetivo geral para o Projeto Cine Axé: fazer projeções de filmes de temática afro-brasileira, indígenas e quilombolas nas escolas da rede pública e ao final da exibição construir Rodas de Diálogos com convidados que fariam exposição da temática. Tinham como objetivos específicos: 1. Levar os filmes de temáticas afro-brasileiras, indígenas e quilombolas nas escolas públicas; 2. Mapear filmes de temáticas afro-brasileiras, indígenas e quilombolas; 3. Realizar convênio com as escolas; 4. Planejar juntamente com os Professores/as de cada escola atividades continuadas depois das exibições; 5. Iniciar as exibições dos filmes nas escolas conveniadas; 6. Produzir um documentário durante o processo; 7. Editar e exibir o documentário.

Materiais e métodos

Assim, através de estratégias de ações, o grupo do Projeto Cine Axé foi inicialmente formado por dois discentes bolsistas, dois bolsistas colaboradores, um professor orientador, um professor coordenador parecerista do Núcleo de Cultura Afro Brasileira Iyá Ogun-Té e um supervisor.

Iniciamos as atividades de pesquisa e levantamento de filmes e aprofundamento de conhecimentos teóricos através de resenhas críticas e bibliográficas sobre troca de conhecimentos das temáticas afro brasileiras, indígenas e quilombolas orientados pelo Prof. José Acioli Filho (UFAL), pelo Prof. Esp. Amaurício de Jesus (Núcleo de Cultura Iyá Ogun-Té e SEE/AL) e Pai Célio Rodrigues (Casa de Iemanjá).

A equipe de produção (Integrantes do projeto) iniciou um diálogo com as possíveis escolas que poderiam concordar em exibir os filmes e quando afinado dia, hora e local, seria conveniada no projeto, para depois passar por um reconhecimento das instalações, local da exibição e construir uma agenda inicial.

Em vista disto, as exibições dos filmes foram feitas de forma gratuita nas escolas e todas as fotografias ficaram disponíveis ao público em redes sociais.

Após as escolas fecharem o convênio, mantivemos contato com os professores/as propondo atividades interdisciplinares que foram trabalhadas com os estudantes após as sessões. Em cada escola fizemos exibições de filmes e Roda de Diálogos de maneira que as temáticas abordadas foram observadas e abstraídas nas falas e observações dos estudantes.

Os equipamentos utilizados

Foi feita uma parceria da UFAL com a Casa de Iemanjá e seu Núcleo de Cultura Afro-Brasileira Iyá Ogun-Té através do Prof. Esp. Amaurício de Jesus. Essa parceria se deu sem vínculo financeiro de ambas as partes e sem vínculos políticos partidários, mas sim em relação a equipamentos e apoio na parte logística e pedagógica. Os materiais utilizados foram um projetor, um telão, um microfone, uma caixa de som e uma extensão elétrica.

Acompanhamento, avaliação e indicadores

Foram realizados relatórios a cada exibição, cada participante teve seu Jornal de Pesquisa (diário de campo), o qual foi utilizado na elaboração do relatório individual que foi formulado por cada discente subsidiando a elaboração do relatório final do projeto, a frequência e a participação nas atividades desenvolvidas do Projeto na aula espetáculo apresentada. A gravação em vídeo do documentário foi um instrumento auxiliar à mensuração da quantidade de público, assim como também subsidiou a análise da qualidade da apreciação dos espectadores no sentido da percepção de sua receptividade e interatividade com a proposta.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

EXIBIÇÃO: AÇÃO – PROJEÇÃO

O cinema por si só já é uma escola. Uma escola de costumes. Nele podemos entender o mundo socialmente e nos enxergarmos enquanto indivíduo desse mesmo mundo. A partir do cinema criamos trajetórias que nos levam a conhecer novos lugares e adquirimos referências para a nossa vida.

Ao assistirmos um filme absorvemos muitas coisas e não percebemos, achamos que quando o filme acaba nada fica, mas muito pelo contrário, a pessoa que entra na sessão não é a mesma que sai dela. O nosso inconsciente já absorveu o necessário para mudarmos a nossa forma de ver o mundo. Diante disso, Duarte afirma:

É inegável que as relações que se estabelecem entre espectadores, entre estes e os filmes, entre cinéfilos e cinema e assim por diante são profundamente educativas. O mundo do cinema é um espaço privilegiado de produção de relações de sociabilidade [...] (DUARTE, 2002, p.17).

Dessa forma, podemos definir que a utilização e a introdução do cinema na escola é essencial para enriquecer o aprendizado tanto no âmbito escolar como social. É extremamente importante o uso do cinema, pois a partir disso teremos indivíduos capazes de assimilar o mundo dentro de várias perspectivas. Segundo Ferraz (2013) “a aprendizagem adquirida, através do estudo de filmes, é rica pelo envolvimento do espectador, onde este se coloca como personagem do filme...” (FERRAZ, 2013, p.53). A forma como o filme age é direta, ele consegue trazer o espectador ao tema tratado dentro de apenas alguns minutos, o coloca como protagonista e o faz refletir. E sendo esse espectador um estudante negro de qualquer escola periférica assistindo a um filme que traga essa realidade que também é dele, o impacto torna-se maior e poderoso.

A arte cinematográfica é poderosa, traz à tona várias problemáticas se a pensarmos no viés político e educacional, nos fazendo refletir sobre a forma de observância e vivência do mundo ao nosso redor. O cinema como qualquer outro tipo de arte é um potencializador da aprendizagem e também da própria essência da educação.

As maiorias dos estudantes moram em bairros periféricos e entendem que a violência e as mortes cotidianas têm uma cor, e que a discriminação vai além de brincadeiras de mal gosto com os colegas na escola. Acioli Filho fala que “Não podemos negar os malefícios que os preconceitos

trazem a qualquer ser humano, em qualquer esfera de sua vida, principalmente na escolar, mesmo aqueles preconceitos que estão encobertos por “brincadeiras” (ACIOLI FILHO, 2017) com isso, buscamos mostrar a realidade de forma direta, demonstramos em nossas falas o quanto é preciso combater o racismo, o preconceito e a discriminação racial.

Os filmes

Foram assistidos pela equipe em nossas pesquisas os filmes:

1. “Vista a minha pele”; que conta a história de uma menina branca dentro de uma sociedade dominada por negros, ela estuda em escola particular graças a uma bolsa. Resolve concorrer a Miss Festa Junina na escola, acaba enfrentando vários problemas, entre eles a discriminação por ser diferente, já que o padrão vigente é o negro. O filme é uma paródia, onde se inverte o padrão social para trazer uma reflexão sobre a discriminação racial.

2. “O Xadrez das Cores”; nesse filme temos Maria e Cida, duas mulheres, uma negra e outra branca. Cida trabalha na casa de Maria como empregada doméstica. Maria trata Cida de forma preconceituosa, sempre usando piadas ofensivas sobre sua cor de pele. Mas através de um jogo de xadrez as coisas irão mudar e, apesar das ofensas diárias, Cida aprende a jogar xadrez e ensina uma grande lição a Maria.

3. “Kiriku e a feiticeira”; Na África Ocidental nasce um menino minúsculo, cujo tamanho não alcança nem o joelho de um adulto, que tem um destino: enfrentar a poderosa e malvada feiticeira Karabá, que secou a fonte d'água da aldeia de Kiriku, engoliu todos os homens que foram enfrentá-la e ainda pegou todo o ouro que tinham. Para isso, Kiriku enfrenta muitos perigos e se aventura por lugares onde somente pessoas pequeninas poderiam entrar.

A seleção de curta-metragem, inicialmente iria ser feita por escola, mas a quantidade de filmes que retratam a problemática do preconceito racial mostrou-se mínima, inclusive uma questão bem importante dentro desse contexto. Onde estão as produções voltadas para esse tema? Por fim, ficamos com apenas dois filmes para exibições. O Xadrez das Cores (2004) e Kiriku (1998). O Xadrez das cores foi exibido nas Escolas de Ensino Médio e em outros campos acadêmicos por ser de uma linguagem mais apropriada para faixa etária. E Kiriku foi exibido nos espaços com crianças, por ser um filme de animação e que mostra as coisas de uma forma mais simples e divertida para os espectadores mirins.

As instituições que receberam o Projeto Cine Axé

As seguintes instituições abriram suas portas para a equipe do Cine Axé:

Escola Estadual Tavares Bastos, no bairro Farol; foi onde ocorreu nossa primeira exibição. Fomos bem recepcionados, a escola liberou as aulas para que todas as turmas participassem da exibição e da Roda de Conversa. Depois de mudarmos de espaço duas vezes conseguimos começar a exibição e, apesar de termos escolhido Kiriku anteriormente, percebemos que ele seria muito longo e trocamos pelo Xadrez das Cores que tinha um tempo menor de duração. O filme foi bem recebido pelos alunos, apesar do espaço ser pequeno e ter muita gente, conseguimos passar a ideia do projeto de forma sucinta. Após a exibição foi dado início a Roda de Conversa, onde Pai Célio explanou um pouco sobre a causa afrodescendente, depois foi aberto o microfone para que os alunos contribuíssem. Poucos expuseram suas opiniões acerca do filme, mas ainda foi levantado grandes questionamentos sobre a discriminação racial.

Escola Anísio Teixeira, no bairro Trapiche da Barra; nossa segunda exibição ocorreu na Escola Municipal Anísio Teixeira, a escola atua com educação fundamental com alunos de até 12 anos. Quando chegamos à escola já havíamos decidido que a primeira parte de exposições seria apenas com o filme “O Xadrez das Cores”, porém por detalhes técnicos exibimos o filme “Kiriku e a Feiticeira”. Apesar de o filme ser muito longo, conseguimos exibi-lo de uma forma que não tomasse tanto tempo. O filme era dividido em pequenos capítulos e, com isso, foi possível criar um desfecho sem perder a linha de continuação. O filme foi bem recebido por ser uma animação e o seu público ser essencialmente crianças. A obra se mostrou uma ponte importante para trazer ao meio escolar lendas africanas. Como bem sabemos as histórias e lendas contadas dentro da educação vem de origens europeias, pouco se sabe das histórias e contos dos nossos antepassados negros. Apesar de o público ser infantil, a forma como eles receberam e interpretaram foi fantástica, se reconheceram e tiraram importantes lições. Os estudantes foram bem receptivos e participaram bastante da Roda de Conversa, mostrando para todos os profissionais envolvidos que a discussão sobre as diversas mazelas sociais é importante na formação das crianças.

Escola Estadual Prof. José da Silva Camerino, no bairro Farol; A escola nos convidou para passarmos o dia exibindo o filme “Xadrez das Cores” para todos os estudantes, a divisão se deu através dos anos escolares, cada turma participou de uma sessão, ao todo tivemos 15 exposições. Tivemos a oportunidade de analisar os perfis dos alunos através do interesse nas rodas de conversas. As turmas dos mais novos contribuíram de forma mais direta expondo relato de discriminação vivenciado na escola. As sessões ocorreram no horário da manhã, tarde e noite. A partir disso pudemos fazer uma comparação e entender um pouco mais sobre a realidade escolar. Os temas abordados nas rodas de conversa foram além da discriminação racial. Conseguimos

identificar outras formas de violência dentro do filme exibido e trazer uma discussão mais profunda sobre os variados temas. Ao final do dia de cinema, avaliamos de forma produtiva o projeto levando para as próximas exposições um aprendizado maior.

Escola Municipal Silvestre Péricles, no bairro Pontal da Barra; como nas outras escolas exibimos o filme “Xadrez das Cores”, a escola preparou um local aconchegante com distribuição de pipoca para os estudantes. O filme foi bem recebido e na roda de debate conseguimos conversar bem com os estudantes, apesar da timidez da maioria para falar. Deixamos reflexões e trouxemos aprendizado para o percurso do projeto.

Escola Estadual Prof. Afrânio Lages, no bairro Farol; A direção da escola liberou todos os alunos do turno da tarde para participarem da sessão, foi a primeira vez que a equipe se apresentou sem a coordenação do Prof. Dr. José Acioli Filho, conseguimos cumprir com a nossa meta. Tinha em torno de 150 alunos no auditório da escola, exibimos o filme e iniciamos a roda de conversa. Os estudantes foram participativos do início ao fim, trazendo questões de racismo que vivenciaram em suas vidas, relatando como a educação foi transformadora para a mudança de postura em suas vidas.

Escola Municipal Dr. José Carneiro, no bairro Farol; a sessão ocorreu à noite em um público de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Como sempre exibimos o filme “Xadrez das Cores” e iniciamos nossa roda de conversa, surgiram muitos relatos de racismo e outros preconceitos.

Centro de Referência da Assistência Social - CRAS Lagunar, no bairro da Levada; A convite da Secretaria de Assistência Social fizemos uma sessão para crianças e pré-adolescentes que são atendidos pelo CRAS da Orla Lagunar, exibimos novamente o “Xadrez das Cores”, e como era um público formado essencialmente por crianças buscamos conversar sobre o filme de forma simples e usando exemplos de “brincadeiras” que, na verdade, agridem aos colegas de turma. Eles receberam bem a discussão e colaboraram contando suas histórias.

Encontro de Saúde e Educação da Universidade Estadual de Alagoas – Uncisal; nosso grande desafio foi fazer uma sessão no Encontro de Saúde, pois toda equipe veio de sessões em escolas, com um público mais comum do nosso convívio. Contudo conseguimos realizar uma sessão igual a que fizemos nas escolas, e aprendemos muito com as falas dos participantes.

8ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, da UFAL; Foi a primeira vez que alcançamos o público do interior de Alagoas, pois os participantes vieram em caravanas para participar da 8ª Bienal do Livro. Conversamos após a exibição do Filme “ O Xadrez das Cores” sobre diversos

preconceitos e como a realidade da capital Maceió é diferente das cidades menores que ficam distante da região metropolitana. As cidades que estiveram presentes foram Penedo e Piaçabuçu.

Festival de Cinema de Penedo. Fomos convidados pela organização do Festival para uma apresentação do Projeto, a programação se seguia de bate papo e exibição de dois filmes com a mesma temática. O primeiro foi o filme “Relicários de Zumba” da diretora Vera Rocha e depois o “Xadrez das Cores”, o filme mais exibido no projeto. Assistimos aos dois filmes e iniciamos nossa roda, Vera Rocha estava presente e nos privilegiou com uma fala sobre o processo de pesquisa e feitura do filme “Relicários de Zumba” e, logo após, iniciamos contando sobre a nossa experiência com o cinema dentro do Projeto Cine Axé. Foi um momento de entendermos nosso papel dentro desse processo que havíamos iniciado a quase 1 ano, foi enriquecedor podermos vivenciar cada sessão até aquele momento.

Projeto Ronda no Bairro, da Polícia Militar de Alagoas, situado na Casa dos Direitos no bairro Jacintinho. Nossa última sessão ocorreu no Projeto Ronda no Bairro que atua com a prevenção de violência em diversos bairros de Maceió, fomos convidados pela equipe social para realizarmos uma sessão na Casa dos Direitos no Bairro do Jacintinho, para um grupo de meninos e meninas LGBTQI+ moradores do respectivo bairro, houve uma evasão e apareceram poucas pessoas desse público, mesmo assim conseguimos realizar a sessão e conversamos sobre as dores dessa comunidade marginalizada.

Rodas de conversa

O projeto teve como foco inicial a discussão do preconceito racial no meio escolar, mas no decorrer do processo acabamos abordando outros problemas também vivenciados na escola. Nisso vemos a importância da discussão de temas pertinentes na sociedade atual, sendo o racismo o nosso principal foco, fizemos cada um deles pensar criticamente algo que a maioria apenas via como algo engraçado, mostrando através desses bate papos as saídas para uma situação que atualmente ainda está matando pessoas.

Cada debate que fizemos trouxe muitas perspectivas o que fez o diálogo estabelecido entre alunos e mediadores ser enriquecedor para ambos. Os estudantes e comunidades que puderam assistir a história contada levaram para suas comunidades e vivências algo extraordinário e único que é poder ser ouvido. Desde a primeira sessão na Escola Tavares Bastos, percebemos a nossa transformação em identificar outros pontos de discussão que cabiam dentro do enredo do filme. Conseguimos tratar de assuntos como, aborto, integridade, violência contra a mulher, negro

ganhando espaço na sociedade, violência na sociedade e suas raízes, história do negro no Brasil. E além de tentar combater o racismo em si, ainda ajudamos muitos dos jovens e adultos presentes a compreenderem outros problemas que são tão presentes no dia a dia dos mesmos.

Nosso principal filme: “O Xadrez das Cores”

O racismo está institucionalizado no Brasil. Após 130 anos da abolição da escravatura ainda sentimos o reflexo de toda a injustiça cometida contra nós negros. Diariamente oportunidades são negadas. No meio escolar não é diferente, muitos dizem que o racismo acabou que todos temos direitos iguais, entre tantas coisas, mas quando chegamos na escola e olhamos para esses estudantes notamos o quanto esse problema está velado. Acioli Filho fala que:

É imprescindível apontar que, além da história de opressão e subjugação com que as pessoas negras e indígenas foram tratadas, suas trajetórias foram marcadas por processos de resistências contra a escravização e as injustiças no Brasil; fato que a história oficial não evidencia. Ao contrário, foram construídos estereótipos e imagens inferiorizadas das mesmas, comumente reproduzidas nos sistemas de ensino. (ACIOLI FILHO, 2017, p 40)

Para chegarmos às histórias desses alunos e ao mesmo tempo proporcionar uma nova vivência para suas dores diárias, levamos até eles uma experiência cinematográfica. Selecionamos um filme que nos acompanhou em todas as nossas sessões, a partir desse filme encontramos muito viés de fala e discutimos cada um deles, levantamos muitas questões e trouxemos tantas reflexões que cada grupo alcançado por nossas sessões saiu renovado e empoderado. O Filme em questão é o “Xadrez das Cores”, produzido em 2004, que retrata em seu enredo questões bem atuais. Ele traz como elemento principal o preconceito racial, mas também conseguimos discutir criminalidade, aborto e violência de gênero.

Levar esse filme para o âmbito escolar nos propiciou uma análise de perfil dos estudantes e da escola. A forma como ele foi recebido mostrou como o preconceito ainda é latente nesse espaço. Apesar da maioria dos estudantes não exporem suas experiências em relação à discriminação racial, a forma como cada um assistiu e reagiu ao curta deixou expostos seus sentimentos. Os estudantes que dialogaram conosco na roda de conversa, mostraram o quanto é necessário um projeto como esse.

A analogia do jogo de xadrez com o preconceito no filme mostra que não estamos determinados a sermos apenas peões e que a luta diária por espaço e visibilidade é mais que justa,

é necessária. Ver a personagem Cida determinada a aprender xadrez, mesmo com as “piadas” de sua patroa, demonstra a força que o povo negro tem para enfrentar diariamente tantas mazelas sociais, isso nos diz que virar o jogo social é possível, que não precisamos ser peões a vida toda. E, assim, Cida aprende a jogar e virar o jogo e ensina a sua patroa que a cor dela não a torna pior. Ela se empodera através do jogo de xadrez e toma as rédeas da sua existência enquanto mulher negra.

No final vemos uma reconciliação, a patroa (Maria) enxerga Cida como ser humano e uma amiga, aprende que o respeito é essencial nas relações humanas e que nunca é tarde para desconstruir e olhar o outro como pessoa.

A abordagem de temas como o preconceito racial é importante, estamos educando cidadãos e ter esse entendimento sobre o que deve e não se deve fazer com outro e da aprendizagem sobre suas raízes tendo como pressuposto que a maioria dos estudantes são negros.

Negro e sociedade

A cor faz diferença? Sempre iniciamos nossas rodas de conversas pós filme com essa pergunta, e a resposta é unânime, todos dizem que não. Percebo que é uma resposta mecânica, ela vem da mesma árvore do “não existe racismo”, ela não é pensada criticamente, é só mais uma resposta pronta para algo óbvio. Mas se adentrarmos essa pergunta e pensarmos ela como uma provocação, vamos nos aproximar da raiz de uma estrutura opressiva e que vem matando diariamente. Então pensando dessa maneira podemos dizer que “a cor faz diferença”. Quando olhamos para a estrutura social atual e visualizamos a pirâmide de poder, notamos quem está no topo e que esse grupo dominante não é de pessoas negras. Visualizamos quem detém o “sim” e o “não” social e como eles ministram para que nada além deles possam ocupar aquele lugar. Portanto, Acioli Filho, fala que:

A demanda por reparações indica que o estado e a sociedade devem tomar medidas para ressarcir aos descendentes de africanos negros e indígenas os danos psicológicos, material, sociais, políticos educacionais sofridos sob o regime escravista [...] (ACIOLI FILHO, 2017, p.17)

Com isso seguimos com nossos questionamentos e levantamos outra importante pergunta “**O que é ser negro?**” Quando perguntamos o que é ser negro para esses adolescentes ou adultos, questionamos mais que a própria biologia, mas também o que é ser negro dentro de uma

sociedade. Buscamos introduzir o que a história conta sobre nós negros. Trazemos à tona algo que eles deixaram de lado ou fingem não saber existir. Colocamos em evidência o fato deles também serem negros, damos a eles um espelho social no qual eles possam se ver refletidos. Eles nunca conseguem responder a essa pergunta, e notamos em seus olhares a confusão de não ter essa resposta. Daí mostramos porquê eles não conseguem responder, mostramos a estrutura social que invisibiliza e coloca a pessoa negra em local de esquecimento social, estrutura essa que criminaliza a cor negra. Ensinamos como o caminho do empoderamento nos dá espaço e respostas para perguntas como essa. Assim, Acioli Filho diz que:

O conhecimento da história do negro e da história indígena faz com que os grupos não negros e não indígenas tenham respeito pela nossa história e pela diversidade cultural brasileira. (ACIOLI FILHO, 2017, p.17)

Eu sou negra? Eu sou branca? Quando essa pergunta é colocada no debate a maioria responde que não é branco, mas também não é negro, se dizem pardos e no caso em que apontamos para um deles e dizemos que é negro, ele se nega a aceitar, reage como se tivesse sido insultado. Então continuamos a provocar e voltamos à pergunta feita anteriormente “o que é ser negro?” Trazemos uma discussão do colorismo e de como realmente se deu a miscigenação do povo brasileiro. Falamos de que mesmo ele se dizendo pardo, não deixa de receber a carga de preconceito que é servida todos os dias no espaço que ocupa. E além de tudo mostramos o quão problemático é a negação da negritude e que a auto-afirmação é um caminho de empoderamento e de quebra de tabus. Nessa sociedade atual que tanto se fala em direitos iguais, que o racismo não existe mais, que todos têm as mesmas oportunidades, numa sociedade que invisibiliza qualquer coisa feita por uma pessoa pobre e negra, se faz necessário a auto-afirmação e empoderamento diário, para mostrarmos o quanto somos também parte dessa sociedade.

CONCLUSÃO

Se o cinema consegue dialogar com o mais íntimo do ser humano, o que ele poderá fazer se for exibido para um coletivo e como ele conseguirá tratar de problemas sociais desse mesmo coletivo? Com esse pensamento e também com outros questionamentos é que foi idealizado, em sua nova edição, o Projeto Cine Axé. Um projeto que além de pensar o cinema como linguagem de reflexão social também mostrou como ele é importante dentro do meio escolar. Sendo a escola um lugar de aprender a compreender o mundo e também local de convivência diário entre

indivíduos, se fez necessário um projeto que buscasse um diálogo diferenciado a fim de entrar nessa estrutura e compreender suas problemáticas. Acredito que a escola seja uma das principais bases formadoras de seres críticos e ativos socialmente. Muitas acreditam que não existe mais racismo na sociedade, e quando levamos um projeto que traz algumas situações de discriminação à tona podemos aumentar a discussão em torno disso e melhorar de forma direta algumas atitudes vistas por muitos como meras “brincadeiras”. O preconceito está aí, muitos não enxergam, mas quem sofre sabe que ele está vivo e precisa ser parado. Dentro dessa perspectiva também tinha a construção de um documentário produzido pelos bolsistas do projeto com imagens captadas nas sessões ocorridas. Mas assim como a meta de escolas, a finalização com o documentário não foi possível. Isso não quer dizer que o projeto não saiu como o planejado em termos sociais. O projeto cine axé não só cumpriu com o esperado como dialogou com muitos outros meios e grupos sociais. Foram realizadas sessões em diversas escolas públicas e também em espaços acadêmicos da Universidade Federal de Alagoas.

Durante um ano de projeto conseguimos alcançar cerca de 3.700 jovens, adultos e crianças, tanto na escola como em outros espaços inclusive acadêmicos. O projeto fez valer a lei 11.645 em espaços onde ela não tinha sido validada, colocando em foco a importância da mesma. O projeto mapeou diretamente algumas doenças sociais que atingem a escola e vimos de perto o questionamento dos estudantes sobre como lidar com isso e, assim, desenvolvemos um novo olhar para o meio escolar. Com isso, reafirmamos o papel fundamental do professor em aprender a estabelecer esse diálogo com o estudante.

Esse novo olhar nos faz perceber que acabamos nos mecanizando diante dessas doenças sociais e muitas vezes nem a enxergamos e acabamos por julgar o estudante de forma injusta, pois paramos de ouvi-los. E isso se agrava se a escola pertencer a uma comunidade periférica, pois anulamos os fatores externos no lugar de notarmos que a escola reflete o seu meio social e o professor enquanto mediador deveria observar e dialogar melhor com esses jovens para poder entender melhor esses estudantes.

Com o Cine Axé dentro de algumas dessas escolas esse diálogo professor/aluno se tornou possível, pois colocamos professores e estudantes no mesmo espaço e levamos um tratamento comum aos dois. Nesse processo identificamos diversos professores que no seu discurso acabam reforçando os problemas vivenciados por esses jovens e dentro de um espaço que deveria ser de acolhimento. Esse tipo de posicionamento vindo de um professor é agressivo para um jovem que

sofre de diversos tipos de preconceito, acreditamos que nós enquanto profissionais devemos saber ouvir e dialogar como nossos alunos e ser um referencial de apoio psicológico.

REFERÊNCIAS

ACIOLI FILHO, José. **Panorama da cenografia do teatro amador de Maceió**. O teatro e Linda Mascarenhas: amadores de Maceió. Org. Ronaldo de Andrade e Izabel Marques. Maceió: EDUFAL, 2011.

ACIOLI FILHO, José. **A Lei Nº 11.645/2008 no contexto das relações étnico raciais na escola**. Pluralidades Cênicas. Org. Ana Flávia Ferraz, Joana Wildhagen e Otávio Cabral. Maceió: EDUFAL, 2017.

ARAÚJO, Clébio Correia de Araújo. **Em Maceió das águas, lagoas, rios e mares...** Cartilha Didática - Gira das Tradições. Maceió: FMAC-IPHAN/Ministério da Cultura, 2007.

FERRAZ, Ana Flávia; CABRAL, Otávio. **Além das telas: educando através da linguagem cinematográfica**. Anais do 4º Simpósio de Educação e Comunicação. Org. Ronaldo Nunes Linhares. Aracaju: Universidade Tiradentes – UNIT, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender / mediar a formação: o fundamento da educação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

RODRIGUES, Célio. **Orixás**. Cartilha Didática – Gira das Tradições. Maceió: FMAC-IPHAN/Ministério da Cultura, 2007.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

JESUS, Carolina. **Antologia pessoal**. (Organização José Carlos Sebe Bom Meihy). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

FILMOGRÁFICAS

“**O XADREZ DAS CORES**”. Ficção de Marco Schiavon, Curta de 22min, 2004.

“**KIRIKU**” (baseado em tradição oral africana). Gênero: Animação, Direção: Michel Ocelot – Raymond Bulet, Duração: 1h 10min, 1998.

“**VISTA A MINHA PELE**” Direção de Joel Zito Araújo. São Paulo: Casa de Criação/Ceert, 2004. Vídeo - DVD (23 min).

MUSICAIS

Bia Ferreira. **Cota não é esmola**. Bia Ferreira no Estúdio Showlivre. Curitiba, 2018.

WEBGRÁFICAS

Casa de Iemanjá. Disponível em: <<http://www.casadeiemanja.com.br>>. Acesso em 24.10.2018.

